

O Pensamento Miltoniano e a Tradição dos Estudos Críticos em Administração no Brasil: uma Aproximação Teórica

The Miltonian Thought and the Tradition of Critical Studies in Administration in Brazil: A Theoretical Approach

El Pensamiento Miltoniano y la Tradición de los Estudios Críticos en Administración en Brasil: Una Aproximación Teórica

Recebido: 18/04/2024 | Revisado: 25/08/2024 | Aceito: 29/08/2024 | Publicado: 03/09/2024

Thiago Cunha de Oliveira | UNIGRANRIO, Brasil | E-mail: thiaguhc@gmail.com | <https://orcid.org/0000-0003-1704-3608>

Patrícia Cipriano Barcellos da Silva | UNIGRANRIO, Brasil | E-mail: patriciabarcellosrj@hotmail.com | <https://orcid.org/0000-0001-6059-0880>

Resumo

Há uma tradição de estudos críticos em Administração no Brasil, sendo essa caracterizada, em sua gênese, por uma proximidade com o paradigma do humanismo radical. Em outras áreas do saber, como na Geografia, pesquisadores como Milton Santos se aproximava dos paradigmas de tal perspectiva, visto que buscava, em suas obras, a emancipação dos sujeitos. Realizou-se uma análise de conteúdo temática em duas obras do pensador Milton Santos, a fim de atingir o objetivo geral de aproximar o pensamento miltoniano da tradição de estudos críticos em Administração no Brasil. Para tanto, delineou-se como objetivos específicos realizar uma contextualização sobre a tradição de estudos críticos em Administração no Brasil e sobre o *Critical Management Studies* e, ainda, analisar quais arcabouços teóricos no pensamento de Milton Santos podem agregar às pesquisas críticas em Administração no Brasil. Constatou-se, que ademais de ser possível aproximar o pensamento miltoniano à tradição de estudos críticos em Administração no Brasil, ferramentas teóricas advindas de obras do autor podem agregar aos pesquisadores críticos em Administração no que concerne a realização de pesquisas que visam a emancipação de organizações e sujeitos, especialmente os que são originários de regiões periféricas e semiperiféricas globais.

Palavras-chave: Estudos Críticos; Estudos Organizacionais; Administração; Milton Santos.

Abstract

There is a tradition of critical studies in Administration in Brazil, which was identified, in its genesis, by its proximity to the paradigm of radical humanism. In other areas of knowledge, such as Geography, researchers such as Milton Santos also aligned himself with this perspective, since he sought, in his works, the emancipation of people. A thematic content analysis was carried out in two works by the thinker Milton Santos, in order to achieve the general objective of approaching the Miltonian thought to the tradition of critical studies in

Administration in Brazil. Two specific objectives were outlined, the first one to contextualize the tradition of critical studies in Business Administration in Brazil and the Critical Management Studies as well, the second one to analyze which theoretical frameworks in Milton Santos' thinking can be added to critical research in Administration in Brazil. It was found that, in addition to being possible to bring Miltonian thought closer to the tradition of critical studies in Administration in Brazil, theoretical tools arising from the author's works can add to critical researchers in Administration with regard to carrying out research aimed at the emancipation of organizations and subjects, especially those from peripheral and semi-peripheral global regions.

Keywords: Critical Studies; Organizational Studies; Administration; Milton Santos.

Resumen

Existe una tradición de estudios críticos en Administración en Brasil, caracterizada, en su génesis, por una proximidad con el paradigma del humanismo radical. En otras áreas del conocimiento, como en la Geografía, investigadores como Milton Santos se acercaban a los paradigmas de esta perspectiva, ya que buscaba, en sus obras, la emancipación de los sujetos. Se realizó un análisis de contenido temático en dos obras del pensador Milton Santos, con el fin de lograr el objetivo general de aproximar el pensamiento miltoniano a la tradición de estudios críticos en Administración en Brasil. Para ello, se definieron como objetivos específicos realizar una contextualización sobre la tradición de estudios críticos en Administración en Brasil y sobre los Estudios de Gestión Crítica, y además, analizar qué marcos teóricos en el pensamiento de Milton Santos pueden aportar a las investigaciones críticas en Administración en Brasil. Se constató que, además de ser posible aproximar el pensamiento miltoniano a la tradición de estudios críticos en Administración en Brasil, herramientas teóricas provenientes de las obras del autor pueden aportar a los investigadores críticos en Administración en lo que respecta a la realización de investigaciones que buscan la emancipación de organizaciones y sujetos, especialmente aquellos que son originarios de regiones periféricas y semiperiféricas globales.

Palabras clave: Estudios Críticos; Estudios Organizacionales; Administración; Milton Santos.

INTRODUÇÃO

A forma como as organizações são representadas na literatura advinda dos países centrais tende a apresentar as entidades do sul global como sendo imperfeições daquelas originárias no norte global (IBARRA-COLADO, 2006), ressaltando a relevância das especificidades locais obterem maior destaque no âmbito da pesquisa em administração na América Latina e, portanto, no Brasil.

No que concerne à produção do conhecimento no âmbito da teoria social no Brasil, há uma primazia do conhecimento oriundo dos países centrais, o que indica um cenário de dominação, também intelectual, resultando, até certo ponto, no apagamento na produção de pensadores brasileiros (OURIQUES, 2014). Nesse sentido, tal qual apontado por Guerreiro

Ramos (1996), compreendemos que existe uma necessidade de que a produção científica estrangeira tenha um caráter meramente subsidiário para a análise da realidade nacional.

Para pesquisadores como Hernández e Cançado (2017), no atual momento e a despeito das dificuldades expostas, ocorre um processo de ruptura para com os pensamentos hegemônicos e eurocêntricos, o que possibilita um resgate e desenvolvimento das perspectivas latino-americanas na seara da Administração, muitas vezes a partir do diálogo para com pensadores de outras áreas do saber.

De fato, há uma tradição de estudos críticos em Administração no Brasil — iniciada com Alberto Guerreiro Ramos, Maurício Tragtenberg e Fernando Prestes Motta, a qual será abordada com mais detalhes no referencial teórico —, a qual está, desde a sua gênese, ancorada, ontoepistemologicamente¹, no humanismo radical, o que demonstra a preocupação de seus pesquisadores em realizarem estudos que abordam, a partir de suas análises, a busca pela emancipação humana, tanto em suas subjetividades quanto em suas materialidades (PAES DE PAULA *et al.*, 2010).

Em outra área do saber, mais precisamente na Geografia, Milton Santos se destacou pela sua preocupação em elaborar teorias e perspectivas que, a partir das quais, se fizesse possível analisar a realidade dos territórios em regiões periféricas e semiperiféricas, o que, segundo Santos (2004), foi favorecido pelo fato do próprio ser um indivíduo do chamado terceiro mundo, assim como por ter percorrido e estudado diversos países localizados no sul global.

Voltando ao campo da Administração, para Ibarra-Colado (2006), em meados da década de 2000, havia um cenário de preferência ao pensamento exógeno, fortalecido pela existência de uma série de mecanismos presentes na América Latina que visam marginalizar o conhecimento produzido localmente e, dessa forma, os pesquisadores da região necessitam optar entre resistir a tais mecanismos ou cederem, tendo esta opção implicado no aceite, por parte de tais estudiosos, da absorção de conceitos e ideologias do norte global, resultando, muitas vezes, em um silêncio educado acerca dos reais problemas locais.

Entendimento similar é apontado por pesquisadores brasileiros em pesquisas mais recentes, mais precisamente, que há uma dominação epistemológica no campo do saber também na área da Administração (ABDALLA; FARIA, 2017; CARVALHO FILHO; IPIRANGA; FARIA, 2017; FARIA; WANDERLEY, 2013).

¹ A palavra ontoepistemologicamente se trata de uma aglutinação dos termos *ontologia*, que neste estudo está relacionada à forma de um ser social compreender o mundo, e *epistemologia*, nome dado ao estudo do conhecimento e suas formas de criação.

Ressalta-se que na realização desta pesquisa, assumimos a posição, também adotada por Couto, Honorato e Silva (2019), na qual parte-se do pressuposto de que as organizações não acompanham modelos genéricos, neutros e supostamente universais, mas que elas podem e devem ser capturadas dentro da localidade em que se realizam.

Com base no exposto, neste estudo busca-se responder à seguinte questão de pesquisa: sem desconsiderar as especificidades entre as áreas, é possível aproximar o pensamento miltoniano da tradição de estudos críticos em Administração no Brasil? Nesse sentido, e de forma linear à questão de pesquisa, neste estudo tem-se como objetivo geral aproximar o pensamento miltoniano da tradição de estudos críticos em Administração no Brasil. Ainda, foram delineados dois objetivos específicos, quais sejam: (1) realizar uma contextualização sobre a tradição de estudos críticos em Administração no Brasil e sobre o *Critical Management Studies*; e (2) analisar quais arcabouços teóricos no pensamento de Milton Santos podem agregar às pesquisas críticas em Administração no Brasil.

A fim de responder a tais objetivos estipulados, utilizou-se, como fontes principais de dados, as obras de Milton Santos denominadas: o espaço dividido (2004) e a natureza do espaço (1996), consideradas basilares na trajetória do pensador (CORRÊA, 2011); para fins de análise, adotou-se como técnica a análise de conteúdo com categorias temáticas (BARDIN, 2011).

Com base no exposto nas subseções anteriores, entendemos que esta pesquisa poderá agregar em ao menos dois aspectos, quais sejam: 1) *teórico*: pela aproximação entre o pensamento Miltoniano ao campo da tradição de estudos críticos em Administração, o que poderá permitir um enriquecimento tanto dos estudos críticos em Administração quanto da obra de Milton Santos; 2) *social e prático*: visto que ao promover uma aproximação entre obras de Milton Santos e os estudos críticos em Administração, os pesquisadores dessa área terão um leque teórico ainda maior no que concerne auxiliar os homens lentos (SANTOS, 1996), integrantes do circuito inferior (SANTOS, 2004), a caminhar, até certo ponto, por um percurso alternativo ao do capital hegemônico, inclusive por gerar e disponibilizar dados para que futuras políticas públicas possam ser elaboradas com maior grau de eficácia.

O presente artigo está estruturado desta forma: na seção seguinte, referencial teórico, foi realizada, inicialmente, uma contextualização tanto de pesquisas críticas internacionais em Administração quanto das pesquisas críticas em Administração no Brasil; a seguir, discorre-se sobre o pensamento de Milton Santos, um pesquisador social originado de, e voltada para, regiões periféricas e semiperiféricas globais; a seguir, serão apresentados, nesta ordem, a

metodologia de pesquisa; a análise dos dados coletados; as considerações finais e, por fim, a bibliografia utilizada no estudo.

REFERENCIAL TEÓRICO

Pesquisas Críticas Internacionais em Administração

De acordo com Santos (2017), da gênese ao até o final da década de 1970 existiu um predomínio quase que total de perspectivas ontoepistemológicas positivistas e funcionalistas na seara da pesquisa em Administração, e, portanto, tendo essas influenciado tanto os seus percursos quanto os seus seguidores.

Segundo Serva, Dias e Alperstedt (2010), tal cenário possibilitou a emersão e fortalecimento de uma imagem de que a Ciência Administrativa se configurava como uma ciência unitária em torno de teorias majoritariamente gerencialistas; na realidade, excluía-se pensamentos que não se submetessem a tal ortodoxia.

No cenário internacional, a partir da década de 1980 surgem, ainda de forma incipiente, movimentos de pesquisadores e pesquisadoras dedicados às pesquisas de cunho crítico, sendo esse o início de uma tradição crítica na área, consolidada, de fato, a partir da década de 1990, com a publicação do livro *Critical Management Studies*, de Alvesson e Willmott, em 1992, tendo esse servido como base, também, para a constituição e o estabelecimento de um movimento europeu, com larga influência nos Estados Unidos da América (EUA), de estudos críticos na Administração (PAES DE PAULA *et al.*, 2010).

Contudo, para pesquisadores como Misoczky e Amantino-de-Andrade (2005), embora o movimento *Critical Management Studies* (CMS) seja uma corrente crítica que promove um afastamento do positivismo e do funcionalismo, o mesmo seria composto, principalmente, de estudos ancorados na hermenêutica e no pós-estruturalismo, o que não necessariamente implica em uma preocupação com emersão de novos mundos, novas realidades, ou, ainda, e emancipação de sujeitos e subjetividades, mas a reformismos.

Ainda com base em Misoczky e Amantino-de-Andrade (2005), os próprios autores do livro *Critical Management Studies* apontam, ao abordarem a pertinência de concepções críticas emancipadoras no campo da Administração, que o entendimento sobre emancipação em estudos críticos deve ser utilizado de uma forma desvinculada de uma dita utopia, ou seja, defendem uma utilização pragmática da criticidade, a fim de ser melhor aceita na seara da

Ciência Administrativa, como apontado no trecho destacado a seguir, no qual se referem a uma das principais perspectivas críticas do século 20, a chamada Teoria crítica da Escola de Frankfurt:

“Dado seu ataque às concepções estabelecidas de ciência política e prática, não é surpreendente que a teoria crítica tenha sido marginalizada por teóricos e praticantes do *mainstream*. Sua marginalidade está associada com sua aparente falta de realismo e aplicação prática” (ALVESSON; WILLMOTT, 1992, p. 437).

Como apontado na pesquisa realizada por Paes de Paula *et al.* (2010), tal entendimento passou por poucas mudanças com o passar das décadas, visto que os principais representantes do movimento abordado, à época do estudo, ancoravam seus estudos em perspectivas pós-estruturalistas diversas, as quais se afastavam de uma dita radicalidade.

Nesse sentido, com base em Fournier e Grey (2006), é possível resumir, de uma forma generalista, as características basilares de estudos críticos sob a ótica do movimento CMS, quais sejam: *visão desnaturalizada da administração* — uma ruptura com as perspectivas tradicionalistas e naturalizadas no seara administrativa —; *intenção desvinculada da performance* — no qual indica-se que as análises embasadas em tal corrente epistemológica não visam a mensuração e preocupação para com o desempenho econômico de sujeitos e organizações, como ocorre nas teorias tradicionais —; e *intenção emancipatória* — são estudos nos quais os pesquisadores buscam promover a potencial emancipatório de sujeitos a partir de suas subjetividades ao instiga-los a refletirem sobre contextos opressivos nos quais estão inseridos.

Por fim, como será apresentado no subcapítulo seguinte, há diferenças substanciais entre o padrão ontoepistemológico inicial de pesquisas críticas em Administração no exterior, especialmente na Europa e nos EUA, e as realizadas no Brasil, ancoradas, majoritariamente, no humanismo radical (PAES DE PAULA *et al.*, 2010).

Nesse sentido, ressalta-se que o humanismo radical está voltado para a dialética e a emancipação humana individual e social, bem como à compreensão sobre como as pessoas podem ligar pensamento e ação — *práxis* — para transcender a sua alienação, podendo ser considerada uma filosofia da consciência (PAES DE PAULA *et al.*, 2010).

Pesquisas Críticas em Administração no Brasil

O campo de pesquisa que engloba os estudos críticos organizacionais no Brasil ainda tem como predominantes abordagens teóricas oriundas dos chamados países centrais,

especialmente os de origem anglo-saxã, as quais, normalmente, não consideram problemáticas exógenas a tais regiões (BAUER; SILVA; WANDERLEY, 2019).

Porém, se na Europa e nos EUA, como já mencionado, houve a constituição e a consolidação de um campo de pesquisa crítico apenas na década de 1990, no caso do Brasil tal gênese e desenvolvimento se deram durante as décadas de 1960 e 1980, embora os pesquisadores que nesse período se alinhavam a tal perspectiva ontoepistemológica tenham enfrentado dificuldades significativas no que concerne à realização dos seus estudos, particularmente pela repressão ocorrida, também contra pensadores, por parte da ditadura cívico-militar brasileira (MOTTA; THIOLENT, 2016).

Apontam Alcadipani e Tureta (2009) que três pensadores são considerados os precursores dos estudos críticos em Administração no Brasil: Alberto Guerreiro Ramos, com “Administração e o contexto brasileiro”, de 1966; Maurício Tragtenberg, com a publicação de “A Teoria Geral da Administração é uma ideologia?”, em 1971; e Fernando Prestes Motta, com “Teoria das organizações: evolução e crítica”, datado de 1986.

Assim, com uma simples comparação temporal entre as gênese da corrente crítica nacional e a dos países centrais, é possível denotar que, no Brasil, o estabelecimento da corrente crítica nas pesquisas em Administração foi anterior à ocorrida em regiões de origem anglo-saxã, o que, estabelece a existência da tradição crítica nos estudos em Administração no Brasil.

Segundo Paes de Paula *et al.* (2010), e como brevemente citado no final do subcapítulo anterior, outro aspecto distintivo, ontoepistemologicamente, entre a gênese dos estudos críticos em Administração no Brasil e o CMS, é que, no caso daqueles, foram embasados, majoritariamente, por óticas humanistas radicais, diretamente dos autores originais, que efetivamente visavam a emancipação humana, como a manifestada em Guerreiro por meio da fenomenologia de Husserl, do existencialismo cristão de Nikolai Berdiáiev e de leituras dos frankfurtianos, configurando uma fenomenologia crítica, e, em Tragtenberg, no marxismo heterodoxo de Anton Pannekoek, e Rosa Luxemburgo, assim como na visão anarquista, em especial de Kropótkin.

Ainda com base no estudo realizado por Paes de Paula *et al.* (2010) é possível denotar que, até o princípio da década de 2010, a maior parte dos estudos críticos brasileiros publicados em periódicos da área apresentava citações aos três pensadores brasileiros previamente mencionados, o que demonstra a importância dos mesmos, e conseqüentemente de suas

perspectivas teóricas ancoradas no humanismo radical, para a área de pesquisa nos últimos anos.

A considerarmos estudos críticos em Administração, seguimos os mesmos questionamentos levantados por Davel e Alcadipani (2003), também utilizados por Paes de Paula *et al.* (2010), apresentados no quadro 1:

Quadro 1 – Critérios para definição sobre estudos críticos

Critérios	Questões-chave
Visão Desnaturalizada	A organização e/ou a teoria são tratadas como sendo inseridas em contextos sócio-históricos específicos, como entidades relativas? O discurso organizacional é apresentado como sendo suscetível de falhas, contradições e incongruências? Os aspectos de dominação, controle, exploração e exclusão na teoria ou na prática são revelados e/ou questionados?
Desvinculação da performance	A preocupação com a melhoria de ganhos pecuniários, performance, rentabilidade, lucratividade e/ou produtividade orienta a pesquisa? O conhecimento gerado está submetido às questões de melhoria da performance, eficiência, eficácia e/ou lucratividade?
Intenção emancipatória	Os modos de exploração, dominação ou controle que inibem a realização do potencial humano são identificados, denunciados ou levados em consideração? A emancipação das pessoas e a humanização da organização fazem parte dos objetivos do artigo?

Fonte: Davel e Alcadipani (2003).

A caracterização de estudos críticos em Administração, elaborada por Davel e Alcadipani (2003), está diretamente relacionada à própria perspectiva do humanismo radical, a qual, como apontado anteriormente neste estudo, embasou as perspectivas dos pensadores brasileiros responsáveis pela gênese e pela evolução, especialmente nas primeiras décadas, dos estudos críticos em Administração no Brasil.

Para Burrell e Morgan (2017), os pesquisadores que se alinham ao paradigma do humanismo radical visam colocar em prática uma sociologia da mudança radical, na qual enfatiza-se a análise de fenômenos da alienação e da falsa consciência, buscando a emancipação humana, seja em suas subjetividades ou de natureza objetiva.

Nesse sentido, tal qual fizeram Alberto Guerreiro Ramos, Fernando Prestes Motta e Maurício Tragtenberg, assim como diversos outros pesquisadores e pesquisadores no Brasil, defendemos que a aproximação com pensadores de outras áreas do saber pode agregar aos estudos críticos nacionais em Administração, especialmente aqueles próximos à realidade semiperiférica brasileira, caso do geógrafo Milton Santos.

Milton Santos: Um Pensador Social da Periferia e da Semiperiferia Global

Em um primeiro momento, alguém pode ser questionar sobre os motivos que levariam a pesquisadores do campo da área da Administração a utilizar o pensamento de um geógrafo, Milton Santos, para uma pesquisa na área; contudo, uma breve apresentação da vida do estudioso, realizada nesta subseção, permite demonstrar a relevância do mesmo para, ademais da área do saber da Geografia, a teoria social brasileira como um todo.

Nascido em Brotas do Macaúbas, Bahia, Milton Santos teve formação em Direito pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) e fez doutorado em Geografia na universidade francesa de Strasbourg. Iniciou seus trabalhos com foco nas realidades locais na cidade baiana de Ilhéus e depois partiu para pesquisas mais amplas na capital Salvador. Além disso, também atuou como jornalista e redator no jornal “A Tarde” (1954-1964).

Sua trajetória intelectual perdurou mais de cinco décadas, tendo proporcionado inúmeras obras que abordaram temas de alcance distintos, como as realidades locais e o fenômeno da globalização, com enfoque, praticamente total, para as especificidades do então denominado terceiro mundo.

Ainda sobre a sua produção enquanto pesquisador e pensador, essa pode ser segregada, para fins informacionais, em três fases, quais sejam: na primeira, entre 1948 e 1963, publicou aproximadamente dez livros, com enfoque para temáticas ligadas à geografia urbana brasileira, especialmente do estado da Bahia, já utilizando, ainda que de forma inicial, uma leitura própria para analisar a realidade local; a segunda, iniciada em 1964, com o golpe no Brasil, e finalizada em 1977, na qual se encontrava exilado na França — país onde havia realizado, décadas antes, seu doutorado —, e marcada, por ademais de uma produção profícua, pelo seu aprofundamento epistemológico crítico, notadamente com aproximações com o Marxismo; e, por fim, a terceira, de 1978, retorno ao Brasil, até o período final de sua vida, tendo se dedicado ao aprofundamento metodológico de sua obra e, a partir da metade da década de 1980, aos estudos acerca da globalização (SPOSITO, 1999).

Com o golpe ocorrido em 1964 e tendo partido para o exílio (1964-1977) na França, teve contato com diversos intelectuais europeus e a vivência do cenário de agitações sociais deflagrado no país. Nesse período, Milton Santos lança a primeira versão do livro *L' espace partagé*, em 1975 — ou O Espaço Dividido, nome da obra em português, que viria a ser lançada no Brasil apenas 04 anos depois — que, segundo McGee (1982), é considerada um marco histórico na interpretação da urbanização do terceiro mundo.

Em 1977, ao voltar do exílio, e em relação à América Latina, Milton Santos realiza uma crítica contundente sobre a aceitação entre a transição de uma história europeia no continente para uma vivência capitalista que posteriormente será chamada de globalização. Segundo o autor, isso nos trouxe, e continua trazendo, problemas epistemológicos para o estudo da própria América Latina, agarrados à herança de uma Europa que ressurgia preparando as luzes da produção de uma modernidade que oferece ao mundo uma epistemologia incapaz de compreendê-lo (SANTOS, 2008).

No concernente ao Brasil, ainda abordando o período referente ao final da década de 1970, quando retorna do exílio, o geógrafo se torna reconhecido como um pesquisador engajado, ministrando aulas em diversas universidades do país. Tal momento que, como mencionado, está abarcado por sua terceira fase, visou analisar o processo de mudanças sociais e econômicas ocorridas à época que, aliado a um fenômeno de inovação tecnológica, propiciou a Milton Santos a abordagem de diversas temáticas, tais como a ampliação de redes geográficas, o acirramento do processo de globalização e a implantação técnico-científico-informacional, como posto pelo pensador (SANTOS, 1996).

Nesta pesquisa, optamos pela utilização do pensamento miltoniano², principalmente em sua segunda fase, período em que, como apontado, o estudioso possui maior proximidade com distintas correntes marxistas, as quais influenciaram em sua obra, assim como para com o materialismo histórico-dialético, culminando na formulação da teoria dos dois circuitos urbanos dos países subdesenvolvidos.

Durante o período em que esteve exilado na França, Milton Santos, teve seus primeiros contatos diretos com grupos marxistas organizados, assim como as leituras e argumentações promovidas por eles. Embora no continente europeu, se manteve atento às discussões, inclusive teóricas, que ocorriam na América Latina, o que, como apontado por Machado (2016), possibilitou que o pensador estivesse a par das discussões sobre dependência e subdesenvolvimento, proeminentes no continente à época, inclusive participando como convidado na conferência “Dependência externa e problemas de desenvolvimento na América Latina e Caribe”, ocorrida em abril de 1972 na Universidade de Toronto, onde lecionou, que contou com a presença de outros estudiosos críticos do continente, como Aníbal Quijano e

² Por pensamento miltoniano, neste estudo, entende-se o conjunto de construções teóricas elaborado pelo pensador Milton Santos, especialmente no que concerne ‘à sua segunda fase (SPOSITO, 1999).

Ruy Mauro Marini, tendo, inclusive, sido escolhido para comentar a obra deste denominada Subimperialismo Brasileiro na América Latina.

Além de sua experiência na França durante o seu período exilado, Milton Santos lecionou em universidades localizadas em distintos países do globo, como Venezuela, Peru e Canadá; contudo, o pensador demonstrava especial interesse pelo continente Africano, onde esteve em diversas oportunidades, e tendo lecionado, em 1974, na Universidade de Dar-es-Salaam, na Tanzânia, acompanhado de perto pelo governo socialista liderado por Julius Nyerere, tendo sido um período considerado pelo próprio pensador como um divisor de águas, tanto por ter conseguido aprofundar o seus estudos em outras áreas do conhecimento — como a Física, Química, Marxismo, Estruturalismo e Fenomenologia —, assim como a sua experiência de longo prazo em uma jovem nação que tentava se desvencilhar das garras do grande capital internacional e imperialista (SANTOS, 1978, 2000).

Ainda sobre as experiências de Milton Santos em África — continente que já havia visitado tanto quando realizava seu doutorado na França, em 1958, quanto em 1963, a pedido do então presidente do Brasil João Goulart, que o convidara a conhecer países recém libertos da colonização europeia, como Gana e Tunísia —, Jesus (2020) aponta como o geógrafo vivenciou empiricamente tanto o sonho socialista de alguns dos então novos Estados africanos, especialmente na Tanzânia, ao abordar a convivência problemática entre um planejamento capitalista, exógeno e liderado pelo Banco mundial, e o planejamento estatal, socialista e endógeno, no qual o primeiro venceu o segundo, a partir de uma relação verticalizada e conflituosa.

Assim, também com a bagagem empírica e teórica advinda de suas experiências pelo globo, especialmente em países do denominado terceiro mundo, seguiu, até o final de sua vida, analisando criticamente a realidade concreta de sujeitos e organizações, ancorados no espaço, a fim de elaborar, e aprofundar, uma teoria do espaço.

METODOLOGIA DE PESQUISA

O presente estudo, com base na taxonomia de Vergara (1998), é caracterizado, quanto aos fins, como exploratório – dado que foram encontrados poucos estudos anteriores nos quais tenha-se buscado algum tipo de aproximação entre o pensamento miltoniano e a tradição de

estudos críticos em Administração³; e, quantos aos meios, como bibliográfico, por valer-se, como fonte principal dos dados, para fins de categorização a partir da aplicação da técnica de análise, dos livros elaborados por Milton Santos: o espaço dividido (2004) e a natureza do espaço (2014); ressalta-se, contudo, que outras obras do pensador não foram desconsideradas para os demais aspectos deste estudo.

A escolha das citadas obras decorreu-se, ademais de serem consideradas produções basilares no pensamento Miltoniano (CORRÊA, 2011), por nessas seu autor ter elaborado e aprofundado uma concepção a partir da qual os fenômenos do espaço geográfico na urbanidade – e os sujeitos neles inseridos – passariam a ser considerados e analisados com base na realidade do então denominado terceiro mundo, em oposição àquelas advindas e importadas acriticamente do norte global (SANTOS, 2004, 2014), o que é considerado por dados pensadores, tal qual Haesbaert (2021, p.144), como um período de “perspectiva descolonial latino-americana” do pensamento de Milton Santos, possibilitando a análise e a busca pela possível emancipação de sujeitos inseridos em tal realidade.

A fim de alcançar os objetivos propostos nesta pesquisa, adotou-se a técnica denominada análise de conteúdo (BARDIN, 2011), a qual possibilita, entre outros aspectos, descrever e interpretar o conteúdo textual de diversos tipos de documentos, de forma sistemática, com objetivo de atingir um nível de compreensão textual que transcende o plano de significação obtido com base em uma leitura comum (MORAES, 1999). A referida técnica pode ser realizada a partir de três distintas formas: análise temática ou categorial, análise formal e análise estrutural (BARDIN, 2011); tendo-se optado pela primeira neste artigo.

Ainda com base na autora, a análise de conteúdo temática deve ser elaborada em três etapas, quais sejam: pré-análise; exploração do material; e tratamento dos resultados, inferência e interpretação. Na primeira etapa, seguindo os critérios de validade apontados pela autora e considerando-se que os livros a serem analisados foram previamente selecionados, realizou-se a leitura inicial das obras – inicialmente de forma flutuante e posteriormente de maneira aprofundada –, visando a formulação das hipóteses de análise; na segunda etapa elaborou-se a categorização dos trechos considerados pertinentes, a partir de sua relevância implícita (CAMPOS, 2004), por este autor, em relação ao tema aventado; por fim, cumpriu-se o tratamento dos resultados, assim como as inferências e interpretações entre o pensamento

³ Destacamos o estudo realizado por Lacerda (2021) como a exceção encontrada, no qual o autor, com base no pensamento de Milton Santos, aborda a análise de relações econômicas socioespaciais em favelas no Brasil.

Miltoniano e a tradição de estudos críticos em Administração, aspectos que serão apresentados na subseção seguinte.

Ressalta-se que, dado que se busca neste estudo promover aproximações entre o pensamento Miltoniano e a tradição de estudos críticos em Administração no Brasil, caracterizada pelo humanismo radical (PAES DE PAULA *et al.*, 2010), optou-se pela categorização *a priori*, tendo sido utilizados como categorias, três conceitos e construtos teóricos elaborados por Milton Santos, os quais aparecem no livros analisados, e que, no entendimento deste pesquisador, possuem relação para com o humanismo radical, quais sejam: formação socioespacial; a teoria dos circuitos urbanos dos países subdesenvolvidos; contra-racionalidade e homens lentos.

ANÁLISE DOS DADOS

No presente capítulo serão apresentadas as análises realizadas a partir da aplicação da técnica de análise adotada nos livros, previamente apresentados, de Milton Santos. Nesse sentido, no primeiro subcapítulo, denominado *a formação socioespacial*, é apresentado tanto o conceito de formação socioespacial quanto as bases teóricas que permitiram a sua elaboração; no segundo subcapítulo, *a teoria dos dois circuitos urbanos dos países subdesenvolvidos*, no qual é apresentada a teoria elaborada pelo geógrafo, assim como alguns dos conceitos que a estruturam; por fim, no último subcapítulo desta seção, denominado *a contra-racionalidade e os homens lentos*, são apresentadas duas bases teóricas fundamentais na obra de Milton Santos, as quais compõem o título da subseção.

A Formação Socioespacial

Com a bagagem empírica e teórica advinda de suas experiências pelo globo, especialmente em países do denominado terceiro mundo, de acordo com pesquisadores como Alves (2020) e Machado (2016), para estruturar o conceito de formação socioespacial, o pensador Milton Santos recorreu a Engels, Marx, e Lênin, mais precisamente, ao conceito de formação econômica e social (FES) — nomenclatura utilizada neste estudo, embora o referido conceito também possa ser escrito como formação econômico-social. De fato, consoante o próprio explicita em sua obra, na busca pela estruturação de uma teoria considerada válida

acerca do espaço, a utilização da categoria marxiana FES se mostra a mais adequada (SANTOS, 1977).

Embora distintos estudiosos marxistas — como Althusser, Hobsbawm e Poulantzas, para citar alguns — tenham trabalhado com o conceito de FES, com discussões acerca de sua teorização e aplicação, enfocando em sua gênese, que remete ao pensamento marxiano, tem-se que “em todas as formas de sociedade se encontra uma produção determinada, superior a todas as demais, e cuja situação aponta a sua posição e sua influência sobre as outras” (MARX, 2008, p.266) e, assim, a utilização da FES permite que se realize análises que visam a compreensão do desenvolvimento de uma sociedade a partir da totalidade da história, tendo-se como alicerce da explicação as relações de produção (BASTOS; CASARIL, 2016).

A partir do conceito de FES, Milton Santos elabora o seu conceito de formação socioespacial, o qual, consoante Whitacker (2019), pode ser compreendido como uma teoria de mediação entre a realidade concreta de regiões periféricas e a teoria social do espaço, o que, na prática, permitiu uma aproximação entre a Geografia crítica e o pensamento social brasileiro.

Segundo Ruy Moreira (1982), creditado como sendo, após o próprio Milton Santos, o primeiro geógrafo a utilizar o conceito de formação socioespacial em suas pesquisas, tal perspectiva teórica permite analisar como a formação do espaço geográfico caminha com a da formação econômico social, como demonstrado a seguir:

Vimos que o processo formador do espaço geográfico é o mesmo da formação econômico social. Por isso, tem por estrutura e leis de movimentos a própria estrutura e leis de movimentos da formação econômico-social. Podemos, com isso, doravante designar o que até agora chamamos de organização do espaço por formação espacial, ou formação socioespacial, como propôs Milton Santos. Confundindo-se com a formação econômico-social, a formação espacial contém sua estrutura e nela está contida, numa relação dialética que nos permite, através do conhecimento da estrutura e movimentos da formação espacial, conhecer a estrutura e movimentos da formação econômico-social, e vice-versa. Fato de fundamental importância ao estudo da formação espacial e da destinação desse estudo ao conhecimento da formação econômica-social (MOREIRA, 1982, p. 3).

Ainda com relação à elaboração da formação socioespacial, ressalta-se que, de acordo com Reis (2000), Milton Santos recorre à dialética para formular tal conceito, visto que o pensador partiu de constatação da ausência do espaço na categoria FES (tese); explicita que tal categoria requer a dimensão espacial (antítese); e, por fim, estrutura a formação socioespacial em si (síntese).

Assim, para Santos (1996), com base na dialética e no materialismo histórico, mais do que FES, é a formação socioespacial que exerce o papel analítico de mediação entre as “forças

internas” de uma dada sociedade e as “forças exógenas” a ela, assim como entre o mundo e uma região.

Ademais da dialética e do materialismo histórico, Milton Santos recorre, também, à categoria totalidade em sua obra, mais precisamente, para a formulação do conceito de formação socioespacial, a qual deve ser compreendida, de fato, como uma totalidade, o que permite a análise de regiões específicas, embora considerando-se as suas relações, dialeticamente, mais profundas, possibilitando o entendimento sobre uma relação lugar – mundo, desde que sempre norteada pelas categorias espaço e trabalho (GRIMM, 2011).

Acerca da relevância da categoria espaço — assim como a sua relação com a totalidade — para o conceito de formação socioespacial, discorre Santos (2014, p.35):

O espaço reproduz a totalidade social na medida em que essas transformações são determinadas por necessidades sociais, econômicas e políticas. Assim, o espaço reproduz-se, ele mesmo, no interior da totalidade, quando evolui em função do modo de produção e de seus momentos sucessivos. Mas o espaço influencia também a evolução de outras estruturas e, por isso, torna-se um componente fundamental da totalidade social e de seus movimentos (SANTOS, 2014, p.35).

Dessa forma, visto que o espaço e a totalidade estão diretamente relacionados, não há como compreender o espaço e a sociedade como coisas separadas, pois a segunda só se torna concreta a partir do primeiro, assim como o primeiro só é inteligível a partir da segunda (CORRÊA, 1996).

Cabe-se destacar que para pensadores como Bastos e Casaril (2016) e Mamigonian (1996), embora a formação socioespacial tenha sido elaborada por Milton Santos com vista a ser utilizada em uma escala nacional, tal aspecto não se configurou como um paradigma, e, além disso, entendem que o citado conceito pode ser aplicado, também, para a análise tanto de escalas regionais quanto locais.

Ainda segundo Mamigonian (1996), a obra *Sociedade e espaço: a formação social como teoria e método*, na qual, pela primeira vez, Milton Santos faz uso do conceito de formação socioespacial, é considerada o mais importante estudo teórico do geógrafo, tendo se configurado como um marco basilar da renovação da Geografia humana.

Dessa forma, a questão regional no Brasil, incluindo os sujeitos e organizações ali presentes, pode ser determinada e apreendida tendo a formação socioespacial como categoria de análise fundamental, visto que a partir dessa pode-se compreender as relações entre as produções e as forças produtivas, em suas desiguais celeridades no processo de acumulação

capitalista, que contrapõem as áreas de pequena produção mercantil e de latifúndio, essas, representando, a totalidade socioespacial (BASTOS; CASARIL, 2016).

Consoante o exposto, aponto que embora Milton Santos não tenha sido um marxista ortodoxo, seus estudos, em sua segunda fase, direcionados e focados no Marxismo, foram fundamentais para a elaboração do conceito de formação socioespacial (BUSS *et al.*, 1991) e, portanto, igualmente necessários para a formulação de sua teoria, a qual será exposta a seguir.

No que concerne à relação entre a formação socioespacial e os estudos críticos em Administração, como mencionado anteriormente, se não há como compreender o espaço e a sociedade como coisas separadas, pois a segunda só se torna concreta a partir do primeiro, assim como o primeiro só é inteligível a partir da segunda (CORRÊA, 1996), a análise de sujeitos e organizações no âmbito dos estudos críticos em Administração, da mesma forma, não pode preterir da categoria espaço, visto que ambos estão alocados, tanto geograficamente quanto politicamente, no espaço.

A Teoria dos Dois Circuitos Urbanos dos Países Subdesenvolvidos

Conforme previamente apresentado neste estudo, o principal objetivo de Milton Santos ao elaborar o conceito de formação socioespacial, na primeira metade da década de 1970, foi o de estruturar uma teoria considerada válida e pertinente acerca do espaço nos países então denominados como subdesenvolvidos e, para tanto, recorreu ao conceito de FES, originado no pensamento marxiano e considerado pelo estudioso o mais adequado para tal fim (SANTOS, 1977). Tal perspectiva teórica seria finalizada apenas no final da referida década, quando emergiu a teoria dos dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos, explicitada, principalmente, no livro *O espaço dividido*, no ano de 1979.

As disparidades de renda características dos países subdesenvolvidos implicam, também, em consequências espaciais, ao passo que nos países desenvolvidos tais disparidades têm pouca influência no que tange à acessibilidade, por parte da população, a uma gama variada de bens e serviços. Dessa forma, é essa seletividade espacial, manifestada tanto no campo social quanto no econômico, que possibilita a elaboração de uma teoria do espaço (SANTOS, 2003).

Assim, aponta Santos (2003) que as cidades em regiões periféricas e semiperiféricas globais são ordenadas com base em ordenações exógenas às suas localidades, embora de formas distintas em suas diferentes regiões, pois, se há coerção, há resistência por parte das populações locais, as quais são, igualmente, díspares entre si.

Segue Santos (2003) discorrendo como as seletividades espaciais formam dois circuitos econômicos distintos responsáveis, para além do processo econômico urbano, pelo processo de organização sociais, o circuito superior e o circuito inferior, os quais, embora em constante tensão, podem ser isolados e identificados.

Para Santos (1979), o surgimento e a manutenção do circuito superior é um resultado direto da modernização tecnológica, sendo esse caracterizado por ser composto por organizações diretamente ou indiretamente relacionadas a empresas globais e exógenas, e tendo a maior parte de suas relações ocorrendo fora da urbe e da área que a circunda, visto que esse circuito possui quadros de referências de níveis nacionais ou internacionais.

O circuito inferior, por outro lado, é caracterizado por ser majoritariamente composto por organizações de pequeno porte e guiadas pela racionalidade local, possui alto nível de capilaridade local, goza de relações privilegiadas com a sua região, e diz respeito, majoritariamente, às populações mais pobres. No referido circuito as atividades de serviço são elaboradas e usadas para servir à população e às demais atividades localizadas nesse e que não possuem acesso àquelas do circuito superior (SANTOS, 1979). No quadro 1 são apresentadas outras características dos circuitos superior e inferior.

Quadro 1 – Características dos circuitos superior e inferior

	Circuito Superior	Circuito Inferior
Tecnologia	Uso intensivo de capital	Uso intensivo de mão de obra
Organização	Burocrática, estruturada	Primitiva, não estruturada
Capital	Importante	Escasso
Mão de obra	Limitada	Abundante
Salários regulares	Prevalentes	Não requeridos
Estoques	Grande quantidade e/ou alta qualidade	Pequenas quantidades e/ou baixa qualidade
Preços	Fixos (em geral)	Negociáveis entre as partes
Crédito	De bancos, institucional	Pessoal, não institucional
Margem de lucro	Pequena por unidade, mas grande por quantidade	Grande por unidade, mas pequena em quantidade
Relação com fregueses	Impessoal	Direta, personalizada
Custos fixos	Importantes	Negligenciáveis
Propaganda	Necessária	Nenhuma
Reutilização de mercadorias	Nenhuma (desperdício)	Frequente
Capital de reserva	Essencial	Não essencial
Ajuda governamental	Importante	Nenhuma ou quase nenhuma
Dependência de países estrangeiros	Grande; orientação para o exterior	Pequena ou nenhuma

Fonte: Elaborado pelo autor com base em Santos (2003).

Os circuitos superior e inferior são segregados em duas categorias: verticalidades e horizontalidades. As verticalidades estão relacionadas ao circuito superior, abarcando as ações

dos grupos hegemônicos que agem de forma a manter o funcionamento global da sociedade e da economia capitalista de forma indiferente ao seu entorno, sendo norteadas por uma lógica racional global capitalista; as horizontalidades são formadas pelo local, embora também influenciadas pelas finalidades impostas de fora, as verticalidades, o que não as configura como conformistas, pelo contrário, são locais, simultaneamente, da cegueira e da descoberta, da complacência e da revolta (SANTOS, 1996).

Ainda acerca dos circuitos, esses estão em constante interação, sendo os superiores constantemente responsáveis pelo engendramento de contextos obedientes e disciplinas nos territórios inferiores, com base em uma racionalidade considerada mais avançada e em discursos hegemônicos (SANTOS, 1996), implicando, na prática, na geração de relações de dependência do espaço inferior para com o superior, o que, para o autor, só poderão ser superadas quando o atual sistema de produção, baseado na busca incessante pela lucratividade, for substituído por outro no qual busque-se a produtividade social (SANTOS, 1979).

Destacam Cataia e Silva (2013) que, no atual século, em que novas tecnologias de informação tendem, cada vez mais, a fazer parte da realidade do circuito inferior, ademais da expansão do crédito ter possibilitado que as camadas mais pobres da sociedade tenham mais acesso ao consumo tecnológico, tem ocorrido uma dependência ainda maior de tal circuito em relação ao superior.

Com relação à teoria dos dois circuitos urbanos dos países subdesenvolvidos, embora Milton Santos não tenha sido um pesquisador do campo organizacional, destinou considerável atenção à análise de organizações em ambos os circuitos, o que, em meu entendimento, possibilita aos pesquisadores de estudos críticos em Administração uma ferramenta teórica a fim de compreender as organizações sob uma perspectiva dialética, inclusive no que concerne às relações entre organizações e sujeitos em ambos os circuitos, ou seja, entre o exógeno e o local, entre opressores e oprimidos.

A Contra-racionalidade e os Homens Lentos

Para Santos (2014), na realidade das cidades das regiões subdesenvolvidas, a lógica competitiva da globalização, ancorada no capitalismo, promove, ademais do aumento das desigualdades sociais, a irracionalidade:

[...] O imperativo da competitividade leva à aceleração da modernização de certas partes da cidade em detrimento do resto. O uso dos recursos sociais, a começar pelos bens coletivos, torna-se irracional. A globalização, pois, tem um papel determinante na produção da irracionalidade e no uso irracional da máquina urbana. A cidade já

vinha criando os seus excluídos e os seus irracionais. O processo de globalização acelera esta tendência. Ao mesmo tempo, há uma demanda de produtividade por atores privilegiados e uma produção de irracionalidade para a maior parte (SANTOS, 2014, p. 208).

Para o autor, a razão moderna, norteadora da globalização e do capitalismo, no que tange aos sujeitos em cidades de regiões periféricas e semiperiféricas - principalmente os localizados em seus espaços inferiores -, potencializa a exclusão de partes de tais pessoas a partir da recusa a outras formas possíveis de racionalidade, consideradas irracionais, e, portanto, nega a própria existência de tais indivíduos enquanto seres autônomos, seja no aspecto econômico ou em suas subjetividades.

Ante a racionalidade dominante, desejosa de tudo conquistar, pode-se, de um ponto de vista dos atores não beneficiados, falar de irracionalidade, isto é, de produção deliberada de situações não-razoáveis. Objetivamente, pode-se dizer também que, a partir dessa racionalidade hegemônica, instalam-se paralelamente contra-racionalidades. Essas contra-racionalidades se localizam, de um ponto de vista social, entre os pobres, os migrantes, os excluídos, as minorias; de um ponto de vista econômico, entre as atividades marginais, tradicional ou recentemente marginalizadas; e, de um ponto de vista geográfico, nas áreas menos modernas e mais "opacas", tornadas irracionais para usos hegemônicos. [...] O que muitos consideram, adjetivamente, como "irracionalidade" e, dialeticamente, como "contra-racionalidade", constitui, na verdade, e substancialmente, outras formas de racionalidade, racionalidades paralelas, divergentes e convergentes ao mesmo tempo (SANTOS, 2014, p. 210).

Dessa forma, na *contra-racionalidade* apontada por Santos (2014), norteadora do denominado *homem lento*, ao invés de se rejeitar totalmente a racionalidade dominante, busca-se redefinir a suposta narrativa emancipatória da modernidade, a partir das epistemes e subjetividades dos próprios sujeitos locais, visando-se conjugar uma luta, orientada pelos próprios sujeitos subalternos, a partir da qual será possível produzir redefinições para as atuais formas de relações econômicas, democracia, direitos humanos, e outros aspectos norteados pela modernidade capitalista (GROSFOGUEL, 2009).

No pensamento miltoniano, as organizações, mais precisamente, as empresas comerciais, possuem papel fundamental nas tensões existentes nos territórios em regiões periféricas e semiperiféricas, pois as grandes empresas, alocadas nas verticalidades, tendem, a partir de relações interdependentes hierárquicas, a promover decisões que são dependentes e alienantes, já que seguem ordens, normalmente, estranhas ao lugar e orientadas desde áreas distantes; ao passo que as pequenas empresas, locais, assim como os sujeitos a elas relacionados, muitas vezes funcionam como respostas às imposições exógenas, comumente sendo consideradas, sob a ótica da razão hegemônica e global, como irracionais – por não

acompanharem a velocidade exógena que, com base no grande capital, tudo almeja (DEGRANDI; SILVEIRA, 2013; SANTOS, 2014). Vale destacar que os governos normalmente são considerados como uma faceta pública do circuito superior (SALVADOR, 2012; SILVEIRA, 2011).

Destaca-se, ainda, que Santos (2014), denomina como *homem lento* o indivíduo que, por não ser considerado apto a comungar com a alta velocidade do circuito superior - no qual busca-se a maximização de tudo a partir da ótica racional de espírito europeu - integra o circuito inferior e, dessa forma, se torna capaz de escapar, até certo ponto, do totalitarismo da racionalidade hegemônica, sendo, para o autor, o tempo dos homens lentos.

Dessa forma, entendemos que a consideração, por parte dos pesquisadores do campo de pesquisas críticas em Administração no Brasil, tanto da contra-racionalidade quanto da existência dos homens lentos, possibilitará uma compreensão analítica mais acurada das especificidades de sujeitos e organizações localizados em regiões periféricas e semiperiféricas, assim como das possibilidades dos mesmos almejarem, ou mesmo lograrem êxito, no que concerne à busca pela emancipação de suas subjetividades e de sua realidade concreta.

Ademais, como demonstrado tanto no referencial teórico quanto no capítulo de análise de resultados, não há contradições ontoepistemológicas entre o pensamento miltoniano e a tradição de estudos críticos em Administração (PAES DE PAULA *et al.*, 2010) e, portanto, também por essa razão, defendemos que a aproximação, além de relevante, é possível de ser realizada no âmbito das pesquisas em Administração.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Milton Santos, tal qual os pensadores basilares para a tradição de estudos críticos em Administração no Brasil, foi um sujeito preocupado com as mazelas presentes em regiões periféricas e semiperiféricas do globo, e, a fim de analisá-las e propor caminhos para as mudanças e a emancipação dos povos locais, ancorou-se, em sua segunda fase, majoritariamente no marxismo, se alinhando ao que, nos estudos em Administração, consideramos como humanismo radical.

No concernente a responder ao primeiro objetivo específico deste estudo, se fez possível demonstrar, ainda no referencial teórico, que o *Critical Management Studies* é norteador por perspectivas teóricas distintas das que embasaram, em sua gênese, a tradição de estudos críticos

em Administração no Brasil, sendo esta caracterizada pelo humanismo radical, enquanto aquela pelo pós-estruturalismo.

Acerca do segundo objetivo específico, analisar quais arcabouços teóricos no pensamento de Milton Santos podem agregar às pesquisas críticas em Administração no Brasil, se fez possível destacar, com base nas obras de Milton Santos analisadas, alguns de seus conceitos e teorias que, como demonstrado no capítulo anterior, podem ser utilizados por pesquisadores ligados à tradição de estudos críticos em Administração, visto que os mesmos são ferramentas elaboradas no âmbito do pensamento miltoniano a fim de que os estudiosos possam analisar, sob a ótica do materialismo histórico dialético, relações de poder que cerceiam as potencialidades no que concerne às subjetividades de sujeitos, especialmente aqueles localizados em regiões periféricas e, portanto, visa-se, com tais estudos, auxiliar no processo de emancipação dos mesmos.

Se para Milton Santos tais indivíduos, chamados por ele de homens lentos — por não acompanharem a velocidade da modernidade capitalista —, são mais propensos a, com base em sua contra-racionalidade, trilhar por um percurso alternativo e próprio em relação ao do capital hegemônico, defendemos que os próprios pesquisadores de Administração devem levar tal aspecto em consideração em seus estudos, a fim de evitar a cilada da torre de marfim nos estudos organizacionais (ALCANTÁRA *et al.*, 2016), ou mesmo a crítica pela crítica, ou seja, sem proposições.

Ademais, com base na formação socioespacial e na teoria dos dois circuitos urbanos dos países subdesenvolvidos, em relação aos estudos críticos em Administração, indicamos que a utilização do citado ferramental teórico possibilitará aos pesquisadores da área analisar de que forma as organizações localizadas nos circuitos se relacionam para com outras, norteadas pelo espaço e pelas verticalidades, assim como de que maneiras resistem as incursões do outro circuito.

Dessa forma, com relação ao objetivo geral desta pesquisa, aponto que, sim, é possível aproximar o pensamento miltoniano da tradição de estudos críticos em Administração no Brasil, inclusive sem se distanciar do humanismo radical, apontado por Paes de Paula *et al.* (2010) como basilar para a citada corrente, visto que o próprio Milton Santos era um pensador preocupado e comprometido com a emancipação dos povos periféricos e semiperiféricos.

Ainda, coadunamos com Mozzato e Grzybovski (2013) no entendimento de que, no concernente ao avanço dos estudos críticos em Administração no Brasil, e a despeito do

preconizado por autores basilares do *Critical Management Studies*, deve-se buscar a superação de influências direcionadoras funcionalistas a fim de que concepções efetivamente emancipadoras, no sentido utilizado nos estudos críticos nacionais, a fim de que a Ciência Administrativa, cada vez mais, seja permeada pela preocupação e responsabilidade em relação aos seres humanos e às suas subjetividades, e não ao puramente à busca incessante pelo lucro ou pelas melhores práticas do *management*.

Assim, indicamos que este estudo pode agregar tanto aos pesquisadores da área que possuem interesse em uma criticidade emancipatória em suas pesquisas quanto à área de estudos críticos em Administração em si, especialmente em sua tradição brasileira, ao apresentar aspectos teóricos do pensamento de Milton Santos, de uma forma direcionada e obtida diretamente das obras do pensador, que mais se aproximam ao mundo da Administração.

Ressalta-se que, uma vez que neste estudo foram utilizadas duas obras para fins de coleta e análise dos dados, não há pretensão de esgotar as possibilidades de diálogo entre o pensamento miltoniano e os estudos críticos em Administração, o que, entendemos, tanto pode ser compreendido como uma limitação deste estudo quanto, por outro lado, uma possibilidade de pesquisa para demais estudiosos interessados em explorar a temática abordada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABDALLA, M. M.; FARIA, A. Em defesa da opção decolonial em administração/gestão. **Cadernos EBAPE. BR**, v. 15, n. 4, p. 914-929, 2017.

ALCADIPANI, R.; TURETA, C. Teoria ator-rede e estudos críticos em administração: possibilidades de um diálogo. **Cadernos EBAPE. BR**, v.7, n.3, p. 405-418, 2009.

ALCÂNTARA, V. C. *et al.* A solution through praxis? Reflections about the ivory tower metaphor and the indissociability between theory and practice in organizational studies. **RAM. Revista de Administração Mackenzie**, v. 17, p. 15-35, 2016.

ALVES, V. J. R. Formação socioespacial e patrimônio-territorial latinoamericano, resistência negra pelas rodas de samba do Distrito Federal, Brasil. **PatryTer**, v. 3, n. 6, p. 150-166, 2020.

ALVESSON, M.; WILLMOTT, H. On the idea of emancipation in management and organization studies. **Academy of management review**, v. 17, n. 3, p. 432-464, 1992.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BASTOS, J. M.; CASARIL, C. C. A formação sócio-espacial como categoria de análise aos estudos sobre rede urbana: ampliando a discussão teórica. **Geosul**, v. 31, n. 62, p. 271-298, 2016.

BAUER, A. P. M.; SILVA, V. F.; WANDERLEY, S. E. P. V. Decolonialidade, border thinking e organizações: as contribuições de Guerreiro Ramos e Celso Furtado. **Cuadernos de Administración**, v. 32, n. 58, 2019.

BURRELL, G.; MORGAN, G. **Sociological paradigms and organisational analysis: Elements of the sociology of corporate life**. London: Routledge, 2017.

CAMPOS, C. J. G. Método de análise de conteúdo: ferramenta para a análise de dados qualitativos no campo da saúde. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 57, n. 5, p. 611-614, 2004.

CARVALHO FILHO, V.; IPIRANGA, A.; FARIA, A. (De) colonialidade na educação em administração: explorando limites e possibilidades. **Education Policy Analysis Archives**, v. 25, 2017.

CATAIA, M.; SILVA, S. C. Considerações sobre a teoria dos dois circuitos da economia urbana na atualidade. **Boletim Campineiro de Geografia**, v. 3, n. 1, p. 55-75, 2013.

CORREIA, R. L. Quem são os clássicos da geografia brasileira? E por que lê-los?. **Espaço Aberto**, v. 1, n. 1, p. 155-160, 2011.

COUTO, F. F.; HONORATO, B. E. F.; SILVA, E. R. Organizações outras: Diálogos entre a teoria da prática e a abordagem decolonial de Dussel. **Revista de Administração Contemporânea**, v. 23, p. 249-267, 2019.

DAVEL, E; ALCADIPANI, R. Estudos críticos em administração: a produção científica brasileira nos anos 1990. **Revista de Administração de Empresas**, v. 43, n. 4, p. 72-85, 2003.

DEGRANDI, J. O.; SILVEIRA, R. L. L. Verticalidades e horizontalidades na função comercial da cidade de Santa Maria-RS. **Mercator-Revista de Geografia da UFC**, v. 12, n. 29, p. 39-50, 2013.

FARIA, A.; WANDERLEY, S. Fundamentalismo da gestão encontra a descolonialidade: repensando estrategicamente organizações familiares. **Cadernos EBAPE. BR**, v. 11, n. 4, p. 569-587, 2013.

FOURNIER, V.; GREY, C. Na Hora da Crítica: Condições e Perspectivas para Estudos Críticos de Gestão. **Revista de Administração de Empresas**, v. 46, n. 1, jan-mar, 2006.

GROSGOUEL, R. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global. **Periferia**, v. 1, n. 2, 2009.

HAESBAERT, R. **Território e descolonialidade**: sobre o giro (multi) territorial/de(s)colonial na América Latina. Buenos Aires: Clacso, 2021.

HERNANDÉZ, A. R.; CANÇADO, A. C. Análises da Gestão Social brasileira através da teoria da Decolonialidade. **Amazônia, Organizações e Sustentabilidade**, v. 6, n. 1, p. 25-43, 2017.

IBARRA-COLADO, E. Organization studies and epistemic coloniality in Latin America: thinking otherness from the margins. **Organization**, v. 13, n. 4, p. 463-488, 2006.

JESUS, A. G. Vivenciando o sonho e o pesadelo: Milton Santos e a Tanzânia. **Revista da Rede Brasileira de História da Geografia e Geografia Histórica**, n. 13, 2020.

LACERDA, D. S. Investigating the political economy of the territory: The contradictory responses of organisations to spatial inequality. **Organization**, p. 13505084211061239, 2021.

MACHADO, T. A. Da formação social em Marx à formação socioespacial em Milton Santos: uma categoria geográfica para interpretar o Brasil?. **GEOgraphia**, v. 18, n. 38, p. 71-98, 2016.

MARX, K. **Contribuição à crítica da economia política**. 2.ed. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

MCGEE, T. **The urbanization process in the third world**: explorations in search of a theory. Londres: G. Bell and Sons Ltd, 1982.

MOTTA, A. C. G. D.; THIOLENT, M. Abordagem crítica nos estudos organizacionais no Brasil: grupos de pesquisa e iniciativas em universidades. In: Congresso Brasileiro de Estudos Organizacionais, 4, 2016, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: Escola de Administração, FURGS, 2016.

MISOCZKY, M. C.; AMANTINO-DE-ANDRADE, J. Uma crítica à crítica domesticada nos estudos organizacionais. **Revista de Administração Contemporânea**, v. 9, p. 193-210, 2005.

MOZZATO, A. R.; GRZYBOVSKI, D. Abordagem Crítica nos Estudos Organizacionais: Concepção de indivíduo sob a perspectiva emancipatória. **Cadernos Ebape. Br**, v. 11, p. 503-519, 2013.

OURIQUES, N. **Colapso do Figurino Francês: crítica às ciências sociais no Brasil**. Florianópolis: Insular, 2014.

PAES DE PAULA, A. P. P. *et al.* A tradição e a autonomia dos estudos organizacionais críticos no Brasil. **Revista de Administração de Empresas**, v. 50, p. 10-23, 2010.

RAMOS, A. G. **A redução sociológica**. 2ª Edição. Rio de Janeiro: editora da UFRJ, 1996.

SALVADOR, D. S. C. Espaço geográfico e circuito inferior da economia. **Mercator**, v. 11, n. 25, p. 47 a 58-47 a 58, 2012.

SANTOS, E. L. O campo científico da administração: uma análise a partir do círculo das matrizes teóricas. **Cadernos Ebape. Br**, v. 15, p. 209-228, 2017.

SANTOS, M. **Por uma nova Geografia**. São Paulo: Hucitec, 1978.

SANTOS, M. **A Natureza do espaço**. São Paulo: Hucitec, 1996.

SANTOS, M. **Território e Sociedade**. São Paulo: Perseu Abramo, 2000.

SANTOS, M. **O espaço dividido: os dois circuitos da economia urbana nos países subdesenvolvidos**. São Paulo: Edusp, 2004.

SANTOS, M. **Técnica, espaço, tempo**: globalização e meio técnico-científico informacional. 5ª Ed. São Paulo: Edusp, 2008.

SERVA, M.; DIAS, T.; ALPERSTEDT, G. D. Paradigma da complexidade e teoria das organizações: uma reflexão epistemológica. **Revista de Administração de Empresas**, v. 50, n. 3, p. 276-287, 2010.

SILVEIRA, M. L. Urbanización latinoamericana y circuitos de la economía urbana. **Revista Geográfica de América Central**, v. 2, n. 47E, 2011.

SPOSITO, M. E. B. A análise urbana na obra de Milton Santos. **Caderno Prudentino de Geografia**, v. 1, n. 21, p. 25-42, 1999.

VERGARA, S. C. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração**. 2ª ed. São Paulo: Atlas, 1998.